

A ORALIDADE EM O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA, DE JOSÉ SARAMAGO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA POÉTICA DO RITMO

BRENDA ALICE DOS SANTOS DA COSTA¹;
DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – contato.brendaalice@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito apresentar a pesquisa que será desenvolvida durante a vigência da bolsa de iniciação à pesquisa, concedida pelo PBIP-AF/UFPEL - Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa – Ações Afirmativas, da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa, recentemente iniciada, visa a realizar uma análise linguístico-literária da obra *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago. Tal análise será feita, principalmente, com base na poética do ritmo, de Henri Meschonnic.

No artigo “O ritmo no e pelo discurso”, de Neumann (2022), texto utilizado como aporte teórico para esta pesquisa, é possível notar a compreensão de língua, via Benveniste, como o único sistema constituído pelos domínios do semiótico e do semântico, além de ser o único sistema capaz de interpretar sistemas constituídos por somente um dos domínios. Ainda nesse artigo, a autora discorre sobre a noção de ritmo, muito pesquisada por Meschonnic e fundamentada em Benveniste, que recuperou o uso feito por Platão, o qual a associou ao ritmo da música. Contudo, o ritmo da língua é tomado de forma distinta. Desse modo, Meschonnic nos convida a fazer algo que Benveniste não fez: desplatonizar a noção de ritmo, para assim poder pensá-la no discurso.

Pensando o ritmo na língua, e sendo a língua constituída pelos domínios do semiótico e do semântico, uma outra questão que se impõe é a do valor na língua e do valor no discurso. Para Saussure (2012 [1916], p. 161), a língua é um sistema de signos “em que todos os termos são solidários e o valor resulta somente da presença simultânea de outros[...]”. Meschonnic (2010) discute sobre o valor na língua e o valor no discurso, de modo a considerar o discurso como um sistema que constitui o seu próprio semântico e seu próprio semiótico.

Partindo da discussão de valor na língua e valor no discurso, percebe-se que “um sistema de discurso produz sua própria sintagmática e sua própria paradigmática.” (NEUMANN, 2023, p. 162). Desse modo, questiona-se a ideia de que se deva analisar as unidades em um discurso, em uma obra. Surge, assim, a necessidade de uma análise da obra como um todo, composta, sim, por signos, mas cuja significância emerge daquilo que perpassa entre os signos, ou seja, do ritmo da linguagem.

Sendo um dos elementos da organização do ritmo da linguagem, a pontuação, este será o ponto de partida para a análise da obra de Saramago. Para teorizar sobre a pontuação serão utilizados, ainda, os trabalhos desenvolvidos por Dessons (2014 [1997] e 2014), como *A frase como fraseado* e *La ponctuation de page dans Cent phrases pour éventails de Paul Claudel*. Tais trabalhos ajudarão a compreender os conceitos de pontuação interna e pontuação de página, como será possível observar adiante, elementos que auxiliam na constituição da oralidade, conforme compreendida por Meschonnic.

É necessário pensar a oralidade no texto literário, pois essa é de grande importância para a poética do ritmo; a oralidade figura como um dos elementos

constitutivos do ritmo. Por isso, também será trazida para a contextualização teórica a obra *Linguagem, ritmo e vida*, com uma tradução de alguns extratos dos trabalhos de Meschonnic, nos quais é perceptível a necessidade de “conceber a oralidade não mais como a ausência de escrita [...]”. (MESCHONNIC, 2006, p. 18)

Após o percurso feito para contextualizar discussões importantes para a presente pesquisa, como a compreensão sobre ritmo, valor e oralidade, é importante destacar que será pensada a oralidade da obra analisada. De acordo com Meschonnic,

A questão da oralidade supõe, de fato, uma poética. A própria concepção do signo é um obstáculo. É por isso que o ritmo como organização do discurso pode renovar a concepção da oralidade, tirando-a do esquema dualista. (MESCHONNIC, 2014 [1997], p. 8)

Portanto, este estudo é significativo para pensar a oralidade na escrita literária, de modo a pensar o ritmo como organizador do discurso.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter bibliográfico, parte da teoria do ritmo, de Henri Meschonnic, assim como da teoria da enunciação, de Benveniste, as duas baseadas nos trabalhos desenvolvidos por Saussure. Devido ao fato da pesquisa ter iniciado recentemente, alguns outros textos serão selecionados para a contextualização teórica. Entre alguns dos textos e trabalhos selecionados estão: *O ritmo no e pelo discurso* e *Em busca de uma poética da voz*, de Neumann (2022 e 2023); A frase como fraseado e *La ponctuation de page dans Cent phrases pour éventails de Paul Claudel*, de Dessons (2014 [1997] e 2014); *Linguagem, ritmo e vida* e *Poética do traduzir*, de Meschonnic (2006 e 2010); *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure (2012 [1916]); *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, de Benveniste (2020 [1966] e 2023 [1974]). Após a realização das leituras, será feita a análise da obra *O conto da ilha desconhecida*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento, como mencionado anteriormente, a pesquisa encontra-se em fase inicial. No entanto, já foi realizada a leitura da obra que será o objeto de análise, assim como também foi definida parte das leituras que servirão como aporte teórico para a pesquisa. Além disso, foram realizadas algumas das leituras que fundamentarão o trabalho.

De acordo com Benveniste (2023 [1974], p. 62), “[t]oda a semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua”, justamente pelo fato da língua ser o único sistema constituído pelo domínio do semiótico e do semântico, como mencionado anteriormente. A partir do entendimento de língua como um sistema de signos, e o signo, uma unidade significante da língua, estabeleceu-se a noção de semiologia na linguística, como visto em Benveniste (2023 [1974], p. 64). No entanto, compreende-se que, no discurso, surge uma outra face da significância, denominada semântica, sendo, desse modo, possível compreender que, embora o signo tenha sua própria significância quando se trata do valor no sistema da língua, no discurso, ele possivelmente poderá contrair outro valor, e isso dependerá das relações paradigmáticas e sintagmáticas que irão se estabelecer.

Assim, sendo o ritmo o organizador do discurso, a oralidade, o primado do ritmo, a pontuação tem grande importância quando se trata de compreender a oralidade em uma obra. Por isso, a análise partirá da pontuação. Tal escolha se dá, também, devido a seu uso particular feito na obra *O conto da ilha desconhecida*. Para Meschonnic, “A historicidade da pontuação dos textos é uma questão da

oralidade." (2006, p. 8). Por isso, há a necessidade de esclarecer que há uma distinção entre o oral no escrito e o oral no falado.

Atualmente ainda ocorre uma grande confusão entre o que é oralidade e o que é falado. Isso se dá devido a uma oposição tradicional feita entre escrita e oralidade. Tal fato é confirmado por Meschonnic:

A oposição entre o oral e o escrito confunde o oral com o falado. Passar da dualidade oral/escrito para uma partição tripla entre o escrito, o falado e o oral permite reconhecer o oral como um primado do ritmo e da prosódia, com sua semântica própria, organização subjetiva e cultural de um discurso, que pode se realizar tanto no escrito como no falado. (MESCHONNIC, 2006, p. 8)

Outra oposição feita é acerca da linguagem ordinária e da linguagem utilizada na literatura, visto que para muitos estudiosos a linguagem poética é relacionada à literatura, enquanto a linguística deve se ocupar somente da linguagem dita ordinária, não sendo possível o enlace entre duas áreas tidas como distintas. Porém, é notória a dificuldade em separar, se é que é possível, o que é linguagem ordinária e o que é a linguagem poética que alguns estudiosos defendem que ocorre somente na literatura. Essa dicotomia nasce de uma visão que ignora o contínuo da e na linguagem e busca partir do signo para entender o todo, algo que corrobora para alguns equívocos acerca dos quais busca refletir a poética do ritmo.

Em Benveniste, é possível verificar uma reflexão sobre os níveis da análise linguística, na qual o autor parte do fonema, menor unidade que significa, para unidades maiores, como o morfema. Quando o autor trata da frase, ele destaca que:

Uma frase constitui um todo que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. (BENVENISTE, 2020 [1966], p.138)

Dito isso, é perceptível que se parte do todo, da frase, para entender a significação e o sentido, já que a frase é a expressão do semântico e "a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação". (BENVENISTE, 2023 [1974], p. 228)

No que diz respeito à frase, Dessons (2014 [1997], p. 99) afirma que "[h]á o que se repensar sobre a frase pelo fraseado, para tirar os dois termos de uma oposição radical – quando, certamente, como na poética, eles são conceitos integrados[...]" . Essa oposição faz com que se compreenda a frase como algo descontínuo, composta por unidades menores, enquanto o fraseado é classificado como contínuo, de um assunto, por exemplo. Isso resulta em um questionamento equivocado da frase pelo descontínuo, por uma certa decomposição.

Dessons afirma que:

O fraseado é, portanto, feito da melodia e do ritmo, os quais são o próprio corpo do discurso, um corpo significante. O fraseado é a subjetivação do discurso, na medida em que traz o afeto para a significação, onde torna indissociáveis o afeto e o semântico. É preciso que, na fala, o corpo esteja sempre presente. (DESSONS, 2014 [1997], p. 107)

Dessa forma, o fraseado é compreendido pela poética e não pela linguística. Dito isso, há a necessidade de, via poética, pensar frase e fraseado como indissociáveis.

Outro ponto que deve ser discutido, quando o assunto é frase, é acerca da pontuação interna e da pontuação de página. No artigo *La ponctuation de page dans Cent phrases pour éventails de Paul Claudel*, Dessons (2014) discute sobre a utilização redundante do uso do travessão, quando poder-se-ia simplesmente

utilizar uma vírgula, de modo que a pontuação do parágrafo se torna uma pontuação de página. Dessa forma, a pontuação, assim como os parágrafos, serve para, além de tornar lógica a argumentação, organizar o movimento enunciativo da frase, o ritmo da frase.

Há o entendimento de frase como discurso e de frase como página, sendo a página uma categoria da linguagem. De acordo com Dessons,

Ao trazer a pontuação do plano da frase para o plano da página, o espaço em branco deixou de ser uma função de delimitação de unidades de palavras para se tornar uma função de organização do discurso. Concebido a partir de uma concepção de linguagem como contínua, o espaço em branco confere à frase uma dimensão página, de modo que ela não pode mais ser definida fora da página. O espaço em branco torna a página uma categorização da frase. (DESSONS, 2014, parágrafo 11, tradução nossa)

Dessa forma, este trabalho entende o silêncio não como ausência de linguagem, mas como pleno de significação.

4. CONCLUSÕES

Embora a pesquisa esteja em fase inicial, pode-se concluir que há na poética do ritmo um terreno fértil para aprofundar e discutir muitas noções que com o passar do tempo precisam ser atualizadas. Entre as noções estão a oposição entre escrita e oral, entre frase e fraseado, entre linguística e literatura. Além disso, há uma possibilidade de entender a pontuação nos textos para além de algo que apenas representa uma fala, mas também como algo dotado de oralidade, de significância, de efeito.

Conclui-se que a oralidade está presente não somente na fala, mas também na escrita, visto que, quando se trata de linguagem, os dois são indissociáveis. Assim, é possível entender a pontuação como algo que organiza um discurso e que dá a ele sentido. Os textos literários passam a ser visualizados como um espaço para pensar a subjetividade na linguagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020 [1966].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 3 Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023 [1974].
- MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MESCHONNIC, H. **Linguagem, ritmo e vida**. Extratos traduzidos por Cristiano Florentino. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.
- NEUMANN, D. O ritmo no e pelo discurso. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-15, e02209, 2022.
- NEUMANN, Daiane. **Em busca de uma poética da voz**. São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- DESSONS, Gérard. **A frase como fraseado**. Tradução de Silvana Silva, Alena Ciulla e Laís Medeiros. RS: UNIPAMPA/UFRGS, 2014 [1997].
- DESSONS, Gérard. La ponctuation de page dans *Cent phrases pour éventails* de Paul Claudel. **La Licorne**. Les publications, Collection La Licorne, 2000, La Ponctuation, Ponctuation de page et divison, mis à jour le: 11/04/2014. Disponível em: <<https://licorne.edel.univ-poitiers.fr:443/licorne/index.php?id=5829>>